



III COLÓQUIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT:

A JUDICIALIZAÇÃO DA VIDA

23, 24, 25 de
Novembro de 2017

LOCAL: Niterói, UFF, Campus do
Gragoatá, Bloco P - Auditório

RESUMOS

III COLÓQUIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT: A JUDICIALIZAÇÃO DA VIDA

23, 24, 25 de Novembro de 2017

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Estela Scheinvar

Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ. Serviço de Psicologia Aplicada da UFF

Maria Lívia do Nascimento

Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF

Guilherme Castelo Branco

Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ

Katia Aguiar

Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF

Flávia Lemos

Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPA

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Estela Scheinvar

Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ

Katia Aguiar

Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF

Flávia Lemos

Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPA

Giovanna Marafón

Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ

Edson Passetti

Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ

Valeria Llobet

Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires (Argentina)

PROGRAMAÇÃO

DIA 23

13h30 | MESA DE ABERTURA

14h / 16h30

JORGE RAMOS DO Ó (Universidade de Lisboa)

Novos ares e o desgoverno da escola

FÁTIMA LIMA (UFRJ)

Bio-Necropolítica e a Judicialização da Vida : Interstícios e

Acoplamentos entre o Pensamento de Michel Foucault e Achille Mbembe

RAFAEL COELHO RODRIGUES (UFRB)

A sociedade de segurança e o neoliberalismo

DEBATEDORA: KÉSIA D'ALMEIDA (FIOCRUZ)

16h30 / 17h | INTERVALO

17h / 19h30

CECÍLIA COIMBRA (UFF)

LYGIA AYRES (UFF)

KATIA AGUIAR (UFF)

MARIA LÍVIA DO NASCIMENTO (UFF)

ESTELA SCHEINVAR (UERJ-UFF)

Histórias de muitas pesquisas (e) intervenções em tempos de julgamentos

DEBATEDORA: ALESSANDRA SPERANZA LACAZ (UFF)

DIA 24

14h / 16h30

PETER PAL PELBART (PUC-SP)

Da guerra civil

GIOVANNA MARAFÓN (UERJ)

Intercessões para desmontar a “ideologia de gênero”

ADRIANA ROSA (UFF)

Para acabar com o juízo (de deus): foucault, artaud e os corpos ingovernáveis

DEBATEDORA: FLÁVIA LEMOS (UFPA)

16h30 / 17h | INTERVALO

17h / 19h30

ADRIANA FACINA (UFRJ)

“Hoje somos festa, amanhã seremos luto”: sobrevivência e criação cultural em tempos de extermínio

MARCOS SILVA (UFRJ)

O fascismo nosso de cada: a teatralização do poder na questão da redução da maioria penal.

MAURO BENENTE (Universidad de Buenos Aires)

Biopoder y derecho. Desajuste entre teorías y prácticas en la obra de Michel Foucault.

DEBATEDORA: : LAILA DOMITH (UNESA)

19h30 | LANÇAMENTO DE LIVROS

DIA 25

14h / 17h30 | SEMINÁRIO DE ENCERRAMENTO DO COLÓQUIO: A Construção de um Projeto Interinstitucional - *Local a definir*

RESUMOS

NOVOS ARES E O DESGOVERNO DA ESCOLA

Jorge Ramos do Ó

Os novos ares de uma escola por vir só os consigo imaginar como contraponto crítico da instituição que temos tido; numa espécie de combate corpo-a-corpo com as racionalidades pedagógicas e as soluções de ensino-aprendizagem prevaletentes nos sistemas de ensino produzidos pelo Estado-nação a partir de finais do século XVIII. O modelo curricular dominante impõe, desde então e até ao presente, o princípio de que conhecer é, essencialmente, um exercício de reconhecimento do que já está pensado, dito e escrito. Por essa razão, o grande efeito civilizacional da chamada escola para todos é o da massificação de um tipo de poder epistemológico que consiste em administrar aos alunos e extrair deles um saber já devidamente estabelecido e controlado. O que hoje tomamos por currículo transformou-se numa tecnologia disciplinar e maquinaria de governo através das quais o conhecimento passou a estar ao serviço da regulação social, de um ponto de vista único sobre a realidade. Ainda assim, e como todos verificamos, as autoridades educativas não cessam de reivindicar o estreitamento dos saberes e da experiência do diferente e do diverso. Fazer diferente ou fazer a diferença supõem, nesta perspetiva, um conhecimento agudo sobre o que a escola tem sido. Todos precisamos não da verdade, como se ela fosse uma e uma só, o que felizmente não virá nunca a ser, mas precisamos da coragem da verdade de que Foucault fala para romper o círculo e o cerco em que estamos. Precisamos de um diagnóstico lúcido e desassombrado do que designaria pela miséria do mundo da escola para resistir e a tentar de povoar de novos ares.

Jorge Ramos do Ó é doutor em História da Educação pela Universidade de Lisboa e mestre em História Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa. Professor Associado do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Tem escrito sobre análise do discurso história política, histórica cultural e das mentalidades, especialmente durante o período do Estado Novo português, e também sobre história da educação e da pedagogia, num período mais longo e que se estende de meados do século XIX a meados de Novecentos. Orienta um seminário de pós-graduação sobre as articulações entre leitura e escrita. Integra a Comissão Científica do Doutoramento em Artes (Artes Performativas e da Imagem em Movimento) da Universidade de Lisboa e do Instituto Politécnico de Lisboa. Co-director do Doutoramento em Educação Artística oferecido pelas Universidades do Porto e de Lisboa. Editor de Sisyfus – Journal of Education.

BIO-NECROPOLÍTICA E A JUDICIALIZAÇÃO DA VIDA : INTERSTÍCIOS E ACOPLAMENTOS ENTRE O PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT E ACHILLE MBEMBE

Fátima Lima

Sem dúvida, as ideias de biopoder-biopolítica - forjadas no pensamento de Michel Foucault - constituem dois conceitos-intercessores fundamentais para compreensão das relações de saber-poder macro-micropoliticamente na contemporaneidade. Esse exercício genealógico visibilizou muitos regimes de verdades que têm nos corpos-subjetivação espaço de excelência. A bio - a vida - aparecia, assim, como o lugar de investimento até a sua máxima produção e processos de assujeitamentos-resistências. No entanto, as intensas e rápidas transformações do século XX e XXI foram tornando visíveis e dizíveis outros acoplamentos de poder. Nesse ponto, as reflexões desenvolvidas pelo pensador camaronês Achille Mbembe, aqui especificamente, a ideia de necropolítica contribui para pensar as relações de saber-poder a partir de uma óptica racializada, tendo na questão da ficção racial e da invenção do negro a preocupação central nos dias atuais. Dialogando com a ideia de racismo de Estado presente no curso “Em Defesa da Sociedade” de Michel Foucault, Mbembe nos inquieta e amplia as reflexões quando nos sugere que os regimes políticos atuais obedecem ao esquema de “fazer morrer, deixar viver”. Essa provocação nos anima a olhar a necro-biopolítica no que se convencionou chamar a judiacialização da vida.

Fátima Lima é antropóloga. Feminista alinhada ao Feminismo Negro, Decolonial e Anti-Colonial. Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/IMS/UERJ. Pós-Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS do Museu Nacional/UFRJ Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Macaé. Professora do Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Linguística Aplicada- PIPGLA da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Relações Etnicorraciais/CEFET/RJ. É autora do livro “Corpos, Gêneros, Sexualidades - políticas de Subjetivação” publicado pela Editora Rede Unida. Atua no campo das Ciências Humanas e Sociais e nos Estudos de linguagens, discursos e narrativas, principalmente com os seguintes temas: Raça, Gênero, Sexualidade, Teorias Feministas (com ênfase nos feminismos negros e decoloniais), Processos Políticos de Subjetivação e Estudo e Pesquisas com os grupos ditos subalternizados.

A SOCIEDADE DE SEGURANÇA E O NEOLIBERALISMO

Rafael Coelho Rodrigues

A proposta é utilizar os estudos de Michel Foucault, principalmente as aulas contidas nos cursos Segurança, território e população e Nascimento da Biopolítica para nos auxiliar na problematização do nosso momento presente.

Rafael Coelho Rodrigues é doutor em Psicologia - UFF, com pós doutorado em Psicologia/UFF. Professor adjunto UFRB - Centro de Ciências da Saúde. Autor dos livros O estado penal e a sociedade de controle e Juventude como capital.

PIVETES: HISTÓRIAS DE MUITAS PESQUISAS (E) INTERVENÇÕES EM TEMPOS DE JULGAMENTOS

Cecília Coimbra

Lygia Ayres

Katia Aguiar

Maria Livia Do Nascimento

Estela Scheinvar

Debate sobre experiências de pesquisa-intervenção no campo da infância e da juventude, centradas nas práticas jurídicas e de garantia de direitos. Uma conversa que problematize os fazeres profissionais orientados pela judicialização da vida.

Cecília Coimbra é doutora em Psicologia (USP), fundadora e atual Vice-Presidente do Grupo Tortura Nunca Mais (GTNM-RJ), Professora aposentada do Departamento e Psicologia (UFF) e professora da Pós-graduação em psicologia (UFF). Autora dos livros Guardiães da Ordem e Operação Rio: o mito das classes perigosas.

Lygia Ayres é psicóloga clínica e doutora em psicologia social pela UERJ. Aposentada pela UFF onde atuou como pesquisadora e orientadora na Programa de intervenção voltado às engrenagens e territórios de exclusão social (pivetes). Conselheira do CRP 05 de 2007-2010 e Conselheira Presidente no período de 2010 a 2013. Autora do livro : discursos de adoção: de menor a criança, de criança a filho.

Katia Aguiar é psicóloga. Professora Associada do Departamento de Psicologia / UFF. Doutorado em Psicologia Social (PUC/SP), Mestrado em Educação (UFF), Pós-Doutorado em Psicologia Social (UERJ). Integra o Programa de Pós-Graduação em Psicologia / UFF – Niterói, vinculada à linha de pesquisa Subjetividade, Política e Exclusão Social. Foi coordenadora do Setor de Psicologia Social e Institucional e Supervisora Geral do Serviço de Psicologia Aplicada (UFF). Foi colaboradora do Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul - PACS e, desde 2002 é colaboradora da CAPINA – cooperação e apoio a projetos de inspiração alternativa.

Maria Livia do Nascimento é professora do Departamento Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense

Estela Scheinvar é professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da UERJ. Socióloga de 1995 a 2017 do Serviço de Psicologia Aplicada da UFF. Autora do livro Feitiço da política pública: escola, sociedade civil e direitos da criança e do adolescente. <http://www.infancia-juventude.uerj.br/>

DA GUERRA CIVIL

Peter Pál Pelbart

Trata-se de acompanhar uma das reviravoltas de Foucault no tocante à noção de guerra civil, e suas implicações para a leitura do contemporâneo.

Peter Pál Pelbart é professor titular da PUC-SP. Coeditor da n-1 edições, tradutor de

Deleuze, é autor, entre outros, de O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento.

INTERCESSÕES PARA DESMONTAR A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”

Giovanna Marafón

O termo “ideologia de gênero” foi cunhado fora do âmbito filosófico, vem sendo utilizado nas décadas recentes por grupos ultraconservadores e setores católicos e, especialmente nos últimos anos, tem sido forjado para referir um campo de práticas e discursos contra os estudos de gênero ou, ainda, anti discussões de gênero, como faz o movimento “Escola sem partido”. Nesta comunicação, interessa compreender a emergência e a proveniência do termo “ideologia de gênero” e as forças que dele tem se apropriado em um plano transnacional, que inclui o Brasil, produzindo efeitos de verdade. Acompanhar a genealogia do termo é uma estratégia de saber para criar intercessões e problematizar como se constituiu a ideia de que o gênero seria uma ideologia, o que supõe algo falso, não verdadeiro. Alguns ditos e escritos de Michel Foucault apresentam a recusa, em suas investigações, a realizar estudos de tipo ideológico, a exemplo de como procedeu com o tema das prisões. A maneira como o pensador justificou seus modos de pesquisar e a preferência por estudar as tecnologias e os mecanismos de poder nos dão pistas para interrogar e desmontar a “ideologia de gênero”, evidenciando as relações de poder que lhe dão suporte.

Giovanna Marafón é Psicóloga. Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEFB) e no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), onde desenvolve pesquisa sobre gênero e feminismos plurais na produção cultural localizada na periferia urbana. Vinculada ao Programa “Movimentos Sociais, Diferenças e Educação” (PROMOVIDE/ FEBF) - <http://www.promovide.febf.uerj.br/> - e ao Grupo de Pesquisa “Produção de subjetividade e estratégia de poder no campo da infância e da juventude” - <http://www.infancia-juventude.uerj.br/>

PARA ACABAR COM O JUÍZO (DE DEUS): FOUCAULT, ARTAUD E OS CORPOS INGOVERNÁVEIS

Adriana Rosa

juízo, judicialização, tribunais de toga e consciência. engatando foucault em artaud, visceralizando o pensamento num corpo, cuja materialidade é feita de cheiros, marcas e excrementos, buscamos pistas para a montagem de corpos ingovernáveis.

Adriana Rosa Cruz Santos é professora do instituto de psicologia da uff. Tem se aproximado da encruzilhada corpo-subjetividade-arte, em especial dos desdobramentos das proposições de lygia clark no campo da reforma psiquiátrica brasileira, através do percurso de lula wanderley, em busca de sopro, sangue e terra.

“HOJE SOMOS FESTA, AMANHÃ SEREMOS LUTO”: SOBREVIVÊNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL EM TEMPOS DE EXTERMÍNIO

Adriana Facina

Em *Vida Bandida*, funk proibidão lançado em 2009, o compositor Praga relata a história de um bandido e seu cotidiano. Denominados “traficantes” pela imprensa corporativa, são os comerciantes varejistas de drogas ilícitas que fazem parte das complexas e delicadas relações de poder nos territórios de favelas cariocas. Na música do chamado *Caneta de Ouro*, o sentido de urgência e incerteza da vida se manifesta no verso: “hoje somos festa, amanhã seremos luto.” Mesmo diante da possibilidade concreta da morte, há festa, há comemoração, há alegria. Com algumas variações, ouvi inúmeras frases semelhantes em meus 9 anos de pesquisas de campo nas favelas e bairros populares da cidade. Elas nos falam sobre a experiência da sobrevivência, de estar permanentemente entre o viver e o morrer. E isso não é algo vivido apenas por quem porta fuzis, mas sim parte do cotidiano dos pobres e negros na cidade. A partir dessas falas, é possível perceber essa experiência de sobrevivência como algo que se constitui nas margens do Estado, no sentido desenvolvido por Veena Das e Deborah Poole. Para elas, as margens não são somente espaços periféricos, mas sim locais onde o Estado é permanentemente reconfigurado nos processos cotidianos. Se, por um lado, são espaços de exceção onde são produzidos corpos matáveis, por outro são também locais de reconfiguração conflituosa desse mesmo Estado, marcada por resistências, mas sobretudo por rearranjos e reacomodações permanentes. É o que as autoras chamam de criatividade das margens, forjada na necessidade de sobrevivência.

Adriana Facina é graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (1995), mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997), doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), com pós-doutorado pela mesma instituição (2008-2009). É professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ. Tem experiência nas áreas de Antropologia e História, com ênfase em Antropologia Urbana e História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: experiência urbana e criação artística, literatura e letramento, teorias da cultura, indústria cultural e mediações, música popular, criminalização da pobreza, criação e fruição cultural em favelas. Integra o Laboratório em Cultura, Etnicidade e Desenvolvimento (LACED), integra o grupo de pesquisa Observatório Indisciplinar de Fazeres Culturais e Letramentos (OICULT) e o Núcleo de Estudos das Sociedades Complexas. Coordenadora da Universidade da Cidadania. Publicou, entre outros, os livros *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004), *Literatura e sociedade* (Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004), *Vou fazer você gostar de mim. Debates sobre a música brega* (Multifoco, 2011) e *Acarí Cultural* (Mauad, 2014). Desenvolveu pesquisa de pós-doutoramento sobre música e lazer popular no Rio de Janeiro, com ênfase no funk. Atualmente pesquisa trajetórias de artistas com experiências de sobrevivência.

O FASCISMO NOSSO DE CADA DIA: A TEATRALIZAÇÃO DO PODER NA QUESTÃO DA REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

Marcos Antônio Carneiro da Silva

Em tempos de perplexidades e de algumas transformações sociais (com mais retrocessos do que avanços), podem-se perceber inovações, também, em formas distintas de governamentalidade (governo de uns sobre todos os outros). O texto insere-se nessa tentativa de diagnosticar o presente, na perspectiva de análise da atual conjuntura política nacional, em que várias formas de governo insistem, quase que desesperadamente, em dar conta de uma agenda advinda de uma nova modalidade de teatralização do cenário político. Para tanto, utilizaremos os conceitos foucaultianos de governamentalidade e da teatralização do poder. O caloroso debate sobre a questão da Redução da Maioridade Penal será apresentado como uma das formas desse teatro político onde os argumentos e a razoabilidade ficam de lado, como, por exemplo, a total falta de investimento no atendimento educacional das crianças de 0 a 6 anos, contrariando toda uma expectativa de planejamento no enfrentamento dessa questão. Entram em cena, discursos descontextualizados que fazem parte de uma dinâmica mais ligada a espetacularização desse cenário, num jogo de faz de conta, contrapondo-se aos dados amplamente divulgados, no Brasil e no exterior.

Marcos Antônio Carneiro da Silva é prof associado da UFRJ, Departamento de Didática, da Faculdade de Educação, atua no Programa de Pós graduação, na linha de Currículo, Docência e Linguagem. Pós doutorado no Instituto de Educação, da Universidade de Lisboa. Bacharel em Filosofia e Licenciatura em Educação Física. Pesquisador FAPERJ.

BIOPODER Y DERECHO. DESAJUSTE ENTRE TEORÍAS Y PRÁCTICAS EN LA OBRA DE MICHEL FOUCAULT

Mauro Benente

En el presente trabajo me propongo realizar un repaso de las distintas lecturas que se han realizado sobre la relación entre biopoder y derecho en la obra de Michel Foucault. Por una parte reseñaré los ejes centrales de la “tesis de la expulsión” desarrollada fundamentalmente por Alan Hunt y Gary Wickham en Foucault and Law. Towards a Sociology of Law as Governance, y compartida por autores como Duncan Kennedy y Boaventura de Sousa Santos. Luego estudiaré la “tesis de la inclusión”, enunciada por Ben Golder y Peter Fitzpatrick en Foucault’s Law. Argumentaré que ambas tesis son incorrectas: la “tesis de la expulsión” representa una mirada insuficiente sobre las obras de Michel Foucault, y la “tesis de la inclusión” propone una lectura muy desordenada de los textos foucaulteanos. En este orden de ideas, me interesará postular que los trabajos de Michel Foucault adolecen de un desajuste entre las descripciones de las prácticas jurídicas y sus conceptualizaciones. Es por ello, según diré, que los

desarrollos conceptuales foucaulteanos no permiten explicar algunos procesos de judicialización de la vida.

Mauro Benente es Doctor en Derecho por la Universidad de Buenos Aires (UBA) y Profesor Titular de Filosofía del Derecho en la Universidad Nacional de José C. Paz (UNPAZ). Director del Instituto Interdisciplinario de Estudios Constitucionales de la UNPAZ y Co-Director de Bordes. Revista de política, derecho y sociedad. Coordinador del Grupo de Trabajo “Pensamiento Jurídico Crítico” del Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Director del Proyecto de Investigación Decyt “Gubernamentalidad, constitucionalismo y derechos humanos” y del Proyecto de Interés Institucional “Géneros y derechos desde una perspectiva crítica. Estudios de casos y litigios estratégicos,” en la Facultad de Derecho de la UBA. Director del Proyecto “Democracia y poder constituyente: perspectivas teóricas y aproximaciones históricas” en la UNPAZ.

DEBATEDORAS

KÉSIA D’ALMEIDA (FIOCRUZ): Doutora e Mestre em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ); Especialista em Saúde, Trabalho e Educação (EPSJV/Fiocruz); Graduada em Pedagogia (UFF); Assessora de direção da Creche Fiocruz; Coordenadora do Curso de Desenvolvimento Profissional em Educação Infantil (EPSJV/Creche Fiocruz); Professora Supervisora Educacional da Prefeitura de São Gonçalo.

ALESSANDRA SPERANZA LACAZ (UFF): Psicóloga graduada pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo e doutoranda do Programa do Pós Graduação em Psicologia da UFF.

FLÁVIA LEMOS (UFPA): Flávia Cristina Silveira Lemos - Psicóloga; Pedagoga; Mestre em Psicologia Social; Doutora em História Cultural. Bolsista de produtividade em pesquisa/CNPQ-PQ2. Integrante da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. Membro da Diretoria da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Membro da Diretoria da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP). Professora associada I de Psicologia Social da Universidade Federal do Pará. E-mail: flaviacslemos@gmail.com

LAILA DOMITH (UNESA): Laila Maria Domith Vicente, é Doutora e Mestre em Psicologia pela UFF - Universidade Federal Fluminense, possui Master em Estudios Museísticos e Teoría Crítica pelo MACBA - Museu D’Art Contemporani de Barcelona e é graduada em Direito pela FDV - Faculdade de Direito de Vitória. Atualmente é professora e coordenadora adjunta do Curso de Direito da UNESA - Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro, campus Presidente Vargas e advogada. A sua área de atuação são os estudos de Subjetividade e Género, interfaces diversas com o Direito e os estudos de Cinema e Audiovisual.

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

APOIO

